Revista Psicologia e Educação *On-Line*
2026, Vol. 6, Nº 1, 12- 14

O traço pedagógico da filosofia

El rasgo pedagógico de la filosofia

The pedagogical trait of philosophy

Janilce Praseres
Universidade da Beira Interior
Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário
E-mail: janilce.praseres@ubi.pt

Resumo: A partir da etimologia da palavra filosofia é inerente e, até de certa forma, uma condição: amar - amar a sabedoria. E isto tornar-se ainda mais necessário e relevante quando diz respeito ao ensinar a filosofia. Como se ensina filosofia? A filosofia é ensinável? Qual o seu traço pedagógico? A filosofia é apenas mais uma disciplina entre outras? Estas são questões que devem ter em consideração aqueles que se dedicam ao ensino da filosofia, visto estes serem também, no conjunto de uma sociedade, os responsáveis por formarem as gerações, por formarem os jovens para exercerem o seu papel na sociedade.

Palavras-chave: Filosofia, Amor, Conhecimento, Ensino, Pedagogia.

Resumen: De la etimología de la palabra filosofía es inherente y, en cierto modo, una condición: amar - amar la sabiduría. Y esto se hace aún más necesario y relevante cuando se trata de enseñar filosofía. ¿Cómo se enseña la filosofía? ¿Se puede enseñar la filosofía? ¿Cuál es tu rasgo pedagógico? ¿Es la filosofía simplemente una disciplina más entre otras? Son preguntas que deben tener en cuenta quienes se dedican a la enseñanza de la filosofía, pues ellos también son, dentro de una sociedad en su conjunto, responsables de formar generaciones, de capacitar a los jóvenes para ejercer su papel en la sociedad.

Palabras clave: Filosofía, Amor, Conocimiento, Enseñanza, Pedagogía.

Abstract: From the etymology of the word philosophy it is inherent and, even in a certain way, a condition: to love - to love wisdom. And this becomes even more necessary and relevant when it comes to teaching philosophy. How do you teach philosophy? Is philosophy teachable? What is your pedagogical trait? Is philosophy just another discipline among others? These are questions that those who dedicate themselves to teaching philosophy must take into consideration, since they are also, within a society as a whole, responsible for forming generations, for training young people to exercise their role in society.

Keywords: Philosophy, Love, Knowledge, Teaching, Pedagogy.

Para ensinar sempre é necessário amar e saber;
porque quem não ama não quer; e quem não sabe não pode.
Padre António Vieira

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.
Paulo Freire

No grego, a palavra filosofia traduz "amor à sabedoria", philia sophias. "Segundo uma tradição referida por Plutarco (...) e Cícero (...), que remontaria a Heraclides do Ponto, ouvinte de Platão, Pitágoras teria sido o primeiro a utilizar a palavra filósofo e filosofia (... amor da sabedoria)" (Cabral et al, 1999, p. 575). Assim, a filosofia significa amor ao pensar, amor pelo saber e esta definição etimológica é a mais conhecida, muito embora a filosofia tivera outras definições importantes ao logo da história do pensamento.

Toda a pedagogia pressupõe a Filosofia. E ensinar ou possibilitar um saber tão rico em especificidade como é a filosofia, para um público diverso, jovem e ainda inicial neste tipo de saber é um grande desafio. É preciso ter atenção a pedagogia, a didática para a difusão do saber filosófico, assim, a filosofia sob o formato de uma disciplina curricular do ensino secundário pressupõe e exige a reformulação didática desse saber especializado, de forma que seja convertido em objeto de ensino. E esta é a tarefa específica do professor de filosofia, com objetivo de produzir um discurso pedagógico, pelo qual a tradição filosófica possa converter-se em saber ensinável. Com a preocupação em despertar o interesse dos alunos por um saber que não produz resultados práticos imediatos, mas que possui uma relevância ímpar para a ação do ser humano.

De tal forma, a Didática tornar-se primordial, esta compreende a "ciência ou arte de ensinar" (Cunha, 2010, p.218), mas também é preciso ter atenção a etimologia da palavra, em grego didaktikós corresponde ao saber ensinar; didaktos que seria o ensinado; o didaskein que remete ao por ensinar/por aprender. E a Didaskália refere-se à instrução, disdascália na Grécia antiga, instrução do poeta a seus intérpretes. A didáctica é a "parte da pedagogia que tem por objeto o ensino" (Lalande, 1985, 304). A partir dessas definições e variações da etimologia da palavra didática podemos compreender o professor enquanto agente, ou seja, a didática compreendida como ação do agente (do professor) no processo de aprendizagem do aluno na construção do aprender, da observação, da perceção do mundo e das coisas.

Por meio da didática o professor poderá aplicar o seu saber teórico e intuitivo, para melhor avaliar como os alunos aprendem, como refletem os problemas propostos e a compreensão das tarefas ou dificuldades. Ao atender a questão tão relevante da didática, o professor também deve aliar a esta e ter atenção ao método aplicado, de meta e hodós 'via, caminho'/perseguição, "esforço para atingir um fim (...), caminho pelo qual se chega a determinado resultado" (Lalande, 1985, p. 97). De tal forma, constituir a sua didática e o caminho para fazer com que a aprendizagem aconteça.

Um dos maiores exemplos de pedagogia na filosofia remete à figura de Aristóteles que foi um dos mais importantes filósofos da antiguidade grega e continua sendo na contemporaneidade. A partir da visão da Política (Aristóteles, s/d) tem-se o seu ideal de Educação, a partir de uma triangulação: realismo, observação e classificação. Na conceção aristotélica a criança é incompleta e deve-se ter cuidado ao educá-la, pois o seu desenvolvimento é ainda prematuro e precisa-se de uma formação contínua para que se torne apta. O conjunto da obra de Aristóteles apresenta diversos conceitos úteis para a reflexão da prática pedagógica. Na Ética a Nicómaco (Aristóteles, 2001) encontramos a discussão dos princípios e a finalidade da educação do cidadão centrada na prática de bons hábitos (virtudes) em vista da felicidade individual. Já na Política compreende que a inserção do educando na polis (cidade), dá-se pela instrução, a Paidéia.

Já conforme o pensamento platónico, o ser humano ao integrar-se é preciso uma harmonia para o bem-comum da cidade e para isto há que haver uma educação para tal, é assim que a questão da paideia surge, em sentido da formação integral[1] do homem, da paideia antiga, inspirada em Homero. Na qual, se pretendia a formação alicerçada com certas virtudes, mas Platão desejava uma paideia mais elaborada, em que houvesse a preparação integral de cada ser humano para o seu papel na cidade, não havendo somente satisfação de interesses individuais, mas o interesse do todo da cidade. Para tanto, desejava-se uma cidade virtuosa, mas para isto, é necessário antes que a humanidade seja de tal forma virtuosa, é preciso, então, cultivar uma educação para a virtude (Paviani, 2003, p. 39).

A noção aristotélica de que a criança é um ser incompleto e que é preciso cuidado ao educá-la, ajuda-nos a refletir sobre o papel fundamental do professor. Atualmente, o professor muito mais do que um exemplo a ser seguido, deve, sobretudo, ser um orientador, ao propor as atividades para o ensino da filosofia de forma estruturada (conforme os requisitos legais para a disciplina), o professor deve ser capaz de dar a conhecer os conteúdos, não simplesmente como transmissão de conhecimento, mas orientando o aluno para a aprendizagem dos conteúdos, mas também para a reflexão sobre estes conteúdos, uma vez que os alunos devem ter a capacidade de formar as suas próprias posições perante o mundo e os problemas que lhe são postos.

> A especificidade da Filosofia não ser ensinável como outra disciplina qualquer, conduz também a uma vantagem nas aulas de Filosofia como processo de formação e reflexão. É o indivíduo que se descobre, que encontra em si "o talento da razão" (Kant: 1985), é ainda ele que se reconhece nessa "razão" que "tem de procurar esses próprios princípios". A sociedade de informação e os recursos que se oferecem a qualquer aprendente são elementos facilitadores dessa formação e desse encontro com a Filosofia e com o campo específico e abrangente da cidadania. Também aqui o indivíduo constrói o seu conhecimento e também este se apresenta como uma construção pessoal, crítica, filosófica e única. (Ferreira, 2012, p. 133)

[1]Na Alegoria da caverna demonstrado no princípio do Livro VII da República, um dos mais célebres livros de Platão. No início desse mito temos a afirmação de que o seu conteúdo está relacionado à educação. O filósofo diz, com efeito, que ele se refere à natureza humana quando submetida à educação ou na falta dela.

Conforme Artur Manso (2014), no texto A disciplina de filosofia no atual contexto curricular do ensino secundário em Portugal, devido à tradição secular do ensino da filosofia em Portugal levou a UNESCO a apresentá-lo como exemplo ao aconselhar a sua obrigatoriedade nos diversos sistemas de ensino em todo o mundo. A trabalhar as suas diferenças fundamentais no que tange os conceitos de filosofia ocidental, filosofia africana, oriental e outras.

> A UNESCO desde a sua primeira Conferência, realizada na Sorbonne em 2 de novembro de 1946, nos documentos preparatórios, insere em 21 de junho 1946 que no que concerne à Filosofia, se deve tentar alcançar dois fins: 1 – procurar os instrumentos internacionais adequados para o avanço dos estudos filosóficos; 2 – por a filosofia ao serviço da educação internacional dos povos. (...) Durante séculos, com mais ou menos relevo, com obrigatoriedade em mais anos ou secções de ensino, com mais ou menos horas semanais, a Filosofia, em Portugal nunca deixou de estar presente nos currículos do ensino liceal e secundário. Já na segunda metade do século vinte e até há poucos anos, era disciplina base para acesso ao ensino superior - ao contrário do atual estado em que nem sequer para ingressar em Filosofia é necessário ter escolhido a disciplina no ano final do ensino secundário, o 12º ano. (...) O ensino abstrato e livresco da Filosofia que vigorou em Portugal antes da Democracia foi reformulado, mas o estigma em torno do mesmo permanece juntamente com a discussão sobre a sua utilidade, mesmo que, por exemplo, abstrato e pouco útil para o dia a dia também seja o estudo da Matemática que ninguém contesta e tem vindo a ser reforçado. É certo que a Filosofia tem ganho algum protagonismo com o tratamento das questões éticas e políticas, atenuando o rigorismo das ciências exactas. (Manso, 2014, p.729)

O ensino da filosofia para adolescentes e jovens representa um esforço para a construção de uma sociedade pluralista, democrática e que tenham como valores o respeito pelas diferenças. Ao professor cabe fazer um autêntico trabalho de partilha com os seus alunos, não só para orientação de atividades, mas também com o intuito de incentivar o "espírito" próprio da Filosofia, da crítica, da reflexão, do debate. É preciso transformar a sala de aula num espaço privilegiado de diálogo e de debate, para assim, desenvolver a promoção da filosofia.

A existência da Filosofia no Secundário é fundamental para o nascimento e amadurecimento de verdadeiras "vocações" filosóficas. Neste contexto do perfil do aluno e no que se espera na saída da escolaridade obrigatória, urge afirmar que continua a fazer todo o sentido pensar por si próprio, pensar e saber analisar criticamente, desenvolver e ter a capacidade de ler os textos e o grande "texto do mundo", a realidade ambiental, a realidade social, a realidade econômica, a capacidade de argumentar com sentido, etc. Temos como exemplo o caso do grande investidor mundial, George Soros que cursou Filosofia e a considera fundamental para se poder "ler" e estar no mundo.

O ensino da Filosofia de forma reflexiva, problematizado, crítico, e não como uma simples história das ideias, é absolutamente decisivo. Ajuda-nos a saber situar as coisas num friso temporal, adquirir sólidos quadros cronológicos. É fundamental para o posterior questionamento e tratamento temático dos assuntos e dos problemas filosóficos.

Referências

Aristóteles. (2001). *Ética a Nicômaco*. 4 ed. Trad. Mário Gomes Kurry. Brasília: UNB.

Aristóteles. (s/d). *Tratado da política*. Trad. M de Campos. Lisboa: Europa-América.

Cabral, R., Caeiro, F., Freitas, M., Morujão, A., Oliveira, J., Paim, A. (dir.). (1999). *Logos: enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. 2. Ed. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.

Cunha, A. (2010). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4 ed. Revista e atualizada de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon.

Ferreira, J. (2012). *Valores sociais, conhecimento e cidadania. Contributos do ensino da filosofia no ensino secundário.* Faro: Universidade do Algarve. Tese de doutoramento.

Lalande, A. (1985). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia.* Vol. I. Trad. Fátima Sá Correia, Maria Emília V. de Aguiar. José Eduardo dos S. Torres. Maria Gorete de Sousa. Porto: RÉS-Editora.

Manso, A. (2014). "A disciplina de filosofia no atual contexto curricular do ensino secundário em Portugal" in: Moreira, A., Pacheco, J., Morgado, J. (Orgs.). *Currículo na contemporaneidade: internacionalização e contextos locais.* Atas do I Colóquio sobre questões curriculares. VII Colóquio Luso-brasileiro de questões curriculares. I Colóquio Luso-afro-brasileiro sobre questões curriculares. Braga: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Paviani, J. (2003) *Platão e a República.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.